BOSQUEJO HISTÓRICO DE UMA FILOSOFIA DA LINGUAGEM (Continuação)

Florival Seraine

2.10. Seguindo a orientação de **Cassirer,** passemos agora a considerar a linguagem "como uma expressão emocional" e o problema da "origem da linguagem". Os pensadores que serão enfocados neste parágrafo são: **Vico, Hamann** e **Herder.** Dá-se atenção especial à abordagem do tema filosófico da linguagem, na órbita do Romanticismo.

As teorias empirista e racionalista, psicológica e lógica, apesar das suas diferenças essenciais, possuem um traço básico em comum. Elas todas consideram a linguagem fundamentalmente, em seu conteúdo **teorético,** em sua relação ao conhecimento como um todo e sua contribuição ao desenvolver da cognição. Ora é interpretada como a obra imediata e o órgão indispensável da razão, ora como um simples véu que encobre os conteúdos básicos do conhecimento, as verdadeiras e "originais" percepções do espírito: em cada caso a meta da linguagem, por que seu valor positivo ou negativo é determinado, é visto como a cognição teórica e sua expressão. As palavras são signos para **idéias,** que são olhadas ora como objetivos e necessários conteúdos de cognição, ora como representações subjetivas. Mas, tornou-se necessário enfatizar um novo fator na realização da linguagem, em vista da filosofia haver introduzido uma nova largueza e profundidade no conceito de "subjetividade"; como este conceito deu origem, com nitidez progressiva, a uma visão verdadeiramente universal da **espontaneidade** do espírito, que provou ser tanto uma espontaneidade da

sensação e da vontade como da cognição. Pois – nota ainda Cassirer – quando nós procuramos seguir a linguagem até seus mais primitivos inícios, ela não parece ser meramente um signo representativo para idéias, mas também um signo emocional para atividades sensitivas a estímulos. A antiguidade conheceu esta derivação da linguagem da emoção, da sensação, prazer e dor.

Na opinião de Epicuro, é a esta fonte primordial, que é comum ao homem e aos animais e, portanto, verdadeiramente "natural", que nós devemos voltar, a fim de compreender a origem da linguagem. Esta não é o produto de mera convenção ou arbitrário decreto. E tão necessária e natural como a própria sensação imediata. Lucrécio traça, no mesmo sentido, a suposta maravilha da criação da linguagem [44].

João – Batista **Vico** (1668 – 1744), notabilizado pelas suas idéias no campo da Filosofia da História, merece ser encarado neste capítulo, em virtude de suas especulações com interesse na filosofia da linguagem. O autor da **Scienza Nuova** levanta o problema da linguagem dentro da esfera de uma metafísica do espírito – afirma o autor da FFS. Ele rejeitou a teoria de que as palavras originárias da linguagem foram atribuídas apenas à convenção e insistiu bastante sobre a relação "natural" entre elas e seus significados. Uma relação estática entre som e significado fora substituída por uma relação dinâmica: a linguagem foi considerada em termos da dinâmica da fala, que, por sua vez, foi relacionada à dinâmica do sentimento e da emoção. Como o século XVIII – oberva ainda Cassirer – volveu da razão ao sentimento, em que se chegou a ver o fundamento da verdade, a potência criativa original da vida psíquica, houve um ressurgimento de interesse na teoria de Vico da orgiem da linguagem. Rousseau teria sido o primeiro a atentar para as idéias de Vico. Deixando-se influenciar por ele, este pensador no século XVIII sustentou, da maneira mais terminante, sua metafísica simbólica e sua visão simbólica da História. Ainda semelhante a Vico, olhou a poesia como a língua mãe da raça humana (Cassirer) [45].

Sobre a origem da linguagem ocupou-se o filósofo napolitano, para quem todas as palavras originárias foram raízes monossilábicas, que ora reproduzem um som natural por onomatopéia, ora a expressão imediata da emoção, interjeição de dor ou prazer, de alegria ou pesar, surpresa ou terror. Vico achou suporte para sua teoria, de que as primeiras palavras foram simples interjeições monossilábicas, na língua germânica, que ele – como Fichte posteriormente – encarou como a verdadeira língua original, uma **língua madre,** porque o alemão nunca suportara conquistadores estrangeiros e guardara, assim, a pureza da

sua nação e a linguagem intacta desde tempos imemoriais [46].

Na opinião de Vico, a fala das crianças e a das pessoas acometidas de distúrbios patológicos da expressão oral tornam claro que os nomes precedem os verbos e pertencem a um estrato lingüístico mais primitivo [47].

Algumas produções em língua alemã, da autoria de **Hamman** (Johann Georg), interessam ao estudo da Filosofia da Linguagem. Várias transcrições de passos da sua obra se encontram na FFS. Parece-nos conveniente a sua reprodução, em trechos dos mais característicos. "Eu não falo da Física, nem da Teologia; para mim a linguagem é a mãe da razão e da revelação, seu Alfa e Omega". "Mesmo se eu fosse tão eloqüente como Demóstenes, eu teria meramente de repetir uma única máxima três vezes: a razão é a linguagem. Isto é o osso que eu rôo e sobre ele eu roerei a mim próprio até a morte. Para mim estas profundezas estão ainda envoltas na escuridão; eu estou ainda esperando por um anjo apocalíptico com uma chave para este abismo" [48].

"O que Demóstenes chama **actio,** Engels arremedo, Batteaux imitação da beleza da natureza, é para mim a linguagem, o órgão e o critério da razão, como propôs Young. Aqui repousa a pura razão e, ao mesmo tempo, sua crítica". "Mas esta realidade, através de que o divino logos se nos parece manifestar, evita tudo que nós chamamos "razão". "De linguagem como de história podemos dizer que é, semelhante à natureza, um livro fechado, um testemunho velado, um enigma que não pode ser resolvido, a menos que nós aremos com uma novilha diferente de nossa razão" [49].

"Pois a linguagem não é uma coleção de signos convencionais discursivos para conceitos discursivos, mas é o símbolo e o complemento da própria vida divina, que por toda a parte nos rodeia, visível e invisivelmente, misteriosa mas reveladoramente."

"Para Hamann, como para Heráclito – adverte Cassirer – tudo nela é, imediatamente, expressão e segredo, ocultação e descobrimento. Toda criação, natureza tanto como história, é nada mais do que uma mensagem do criador à criatura através da criatura" [50].

No "Dicionário de Filosofia", de W. Brugger, J. G. Hamann figura, ao lado de outros pensadores, como tendo efetuado crítica da cousa em si, eliminação de "afeção"; participaria já de uma "modificação do criticismo Kantiano" [51].

Personalidade de mais vivo significado para a investigação em Filosofia da Linguagem é a que agora focalizaremos: J. G. **Herder** (1744 – 1803) que, nas expressões do pré-citado Brugger, foi o ini-

ciador da Filosofia da História na Alemanha. ("Idéias para uma Filosofia da História da Humanidade").

Apesar disso, Herder foi influenciado por Hamann, mas, em período anterior, fora discípulo de Kant e, através deste, de Leibniz.

Von Aster, em sua "História da Filosofia", escreve de maneira tão clara e incisiva acerca do pensamento de Herder sobre a linguagem, que não podemos deixar de transcrever algumas proposições a respeito, contidas na obra citada. "Deliberadamente se trata da 'expressão': de nada se ocupou Herder com maior intensidade que da linguagem, que para ele não é um conjunto de signos artificiais e mortos, mas a expressão vivente da vida do mundo". "Na linguagem formada com o transcurso de gerações se acha depositado o sedimento de uma cognição do mundo, isto é, na liguagem se reflete uma determinada concepção do universo e sua atuação sentimental". "Com a linguagem se converte o conhecimento em uma criação nova da Natureza, em uma reprodução da impressão que dela recebemos e, desse modo, se faz vizinha imediata da poesia e da arte". "A ciência e a arte se baseiam na intuição genial, na visada que descobre conexões, parentescos e tipos". "Nesta concepção do conhecimento surge o parentesco de Herder, como também de Goethe, com o Romanticismo, que se inicia, e, ao mesmo tempo, a oposição íntima ao conceito Kantiano do conhecimento..." [52] Neste sentido – pondera Cassirer – é possível para Herder interpretar a linguagem inteiramente como um produto da sensação imediata e, ao mesmo passo, como um produto integral da reflexão: porque a reflexão não é alguma cousa externa que é acrescentada ao conteúdo do sentimento: ela integra a sensibilidade como um fator constituinte. É a "reflexão" que transforma o estímulo sensorial efêmero em um "conteúdo" diferenciado, distinto e, portanto, espiritual. Aqui a percepção não é, como em Maupertuis e Condillac, um conteúdo psicológico já feito, independente, segundo que a expressão em palavra e conceito é simplesmente anexada; aqui as meras impressões são sintetizadas nas "idéias" e indicadas em um e o mesmo ato. Ainda aduz o neo-Kantiano de Marburgo: "portanto, a linguagem – não obstante Herder continue a falar de sua "invenção" – nunca é simplesmente **feita,** mas **cresce** em um processo necessário do interior. É um fator na estrutura sintética da própria consciência, através de que o mundo da sensação se torna um cosmos da **intuição:** não é uma cousa que é produzida, mas um tipo específico de geração e formação espiritual. Em seu ensaio aludido, Herder marca a transição do mais antigo conceito racionalista de "forma reflexiva", que dominou a filosofia da Iluminação, para o conceito Romântico de "forma orgânica". [53]

Friederich Schlegel, em seu ensaio "Sobre a Linguagem e a Sabedoria da Índia", foi quem primeiro introduziu definitivamente em Filologia o novo conceito de linguagem. Seria injusto supor que a designação da linguagem como um organismo foi simples imagem ou metáfora poética. Pálido e vago – escreve Cassirer – como este termo nos possa parecer hoje, Schlegel e sua época formaram um quadro bastante concreto da posição da linguagem dentro da vida espiritual do homem como um todo. (54

Chegamos agora ao Romanticismo, que se estende de fins do século XVIII a meados do século XIX, mas que – como refere Brugger – influenciou ainda em nossa época, particularmente na Alemanha. Caracteriza-se pelo fato de abarcar e empolgar a vida espiritual em sua plenitude. No que, em especial, concerne à Filosofia, há pensadores que se podem intitular de românticos: Schleiermacher e principalmente **Schelling.** Alinha-se ainda entre estes o já citado Schlegel (Brugger). (55)

De acordo com Von Aster, a produção de Fichte, em sua última época, mostra já a influência do Romantismo, entretanto, pode considerar-se Schelling como o filósofo dessa corrente ideológica. (56)

O conceito romântico do organismo não se refere a um **fato** singular da natureza, um grupo específico, limitado, de fenômenos objetivos, com que, em verdade, os fenômenos lingüísticos podem ser comparados apenas muito indireta – e inexatamente. Para eles, o "organismo" não significou uma classe particular de fenômenos, mas um princípio especulativo universal, um princípio que, em realidade, constitui a meta última e o foco sistemático da especulação romântica. "A filosofia da linguagem também girara em torno de agudo antagonismo; mas agora houve um novo intermediário entre a "subjetividade" e a "objetividade", entre a "individualidade" e a "universalidade". Em conexão com a vida orgânica o conceito de "forma individual" já fora criado por Leibniz – e Herder o estendera a toda a amplitude da vida cultural, da natureza à história, da história à arte e ao estudo concreto dos estilos artísticos. Por toda parte, um "universal" foi procurado: contudo, este universal não é concebido como uma realidade independente, como a unidade abstrata de um gênero justaposto a seus individuais, mas como uma unidade que apenas existe em uma totalidade de indivíduos específicos". "Para a Filosofia da Linguagem esta nova concepção do universal significa o abandono da investigação por uma linguagem básica, original, atrás da diversidade e contigência histórica da linguagem individual; também significa que a verdadeira "essência"

universal da linguagem não foi por mais tempo procurada na abstração da diferenciação, mas na totalidade de diferenciações. Foi através desta fusão da idéia de forma orgânica com a idéia de totalidade que Wilhelm von Humboldt chegou à sua visão filosófica, que implicou uma nova abordagem fundamental ao problema da linguagem (Cassirer). (57)

2.11. Não podemos esquecer aqui a importância de Hegel para o estudo da Filosofia da Linguagem.

Jorge Frederico Guilherme **Hegel** (1770 – 1831) destaca-se no mundo da intelectualidade por uma filosofia, que – nas expressões de Von Aster – é um universo coordenado que faz a ligação desde a sistemática das formas lógico-abstratas à matizada pluralidade da Natureza. Natureza esta, que no espaço e no tempo se estende em plenitude concreta e, por conseqüência, até o domínio da divindade, manifesta na história do espírito humano. (58)

Na opinião desse historiador da Filosofia, "o sistema de Hegel é o mais harmônico e cerrado, de conteúdo mais amplo, o de mais unidade metódica, ao mesmo tempo que marca o apogeu do Racionalismo pós-Kantiano". (59) Entre suas obras capitais avulta a "Fenomenologia do Espírito", concluída no primeiro decênio do século XVIII, em um ambiente de profunda agitação intelectual. Deve ser destacado o seu "método dialético", que ele maneja com proficiência. O "ser", o "nada" e o "ser de outra maneira" são objeto de suas especulações filosóficas mais acuradas, pois, nessa tríplice forma fundamental se pode melhor compreender o sentido da "tese", "antítese" e "síntese". (60)

Mas, vejamos ao que nos interessa, relativo à Filosofia da Linguagem, na obra do grande pensador alemão. A propósito, escreve W. M. Urban: "A inseparabilidade de **Geist** e **Sprach,** a concepção orgânica da linguagem, a dependência recíproca de pensamento e palavra, ocorreram inteiramente, como pressuposições necessárias, dentro do movimento idealista que associamos ao nome de Hegel. Não seria excessivo dizer que a noção de linguagem como o veículo que permite alcançar o mais alto e o mais profundo é a suposição tácita da completa filosofia hegeliana, segundo a qual a linguagem é "a atualidade

da cultura". Não merece dúvida que a dialética hegeliana implicou uma crítica da linguagem. O princípio da negatividade, pelo qual procede a dialética é, de certo ponto de vista, a negação da conformidade da palavra, não obstante seja isto um mero passo na dialética que encontra as **melhores palavras** para a expressão da realidade. O ponto significativo é que a realidade **pode ser expressa,** que a linguagem é um veículo para a exploração do mais alto e o mais profundo do universo. A doutrina das categorias, de Hegel, difere da de Kant principalmente em que, enquanto o último toma como a chave ou o **Leitfaden** para a descoberta das categorias do real, as formas gramaticais fundamentais da linguagem, negando um caráter categorial àquelas "idéias" que não são meramente "regulativas", para Hegel as últimas também são constitutivas, **Leitfaden** que, através da dialética, leva a uma comprensão do real". [61] Em um parágrafo adiante, intitulado "De Hegel a Darwin", prossegue o autor de "Linguagem e Realidade": "Foi quando esta Filosofia da Linguagem esteve no auge de sua influência que, como a Filosofia geral com que esteve vinculada, ela desabou e com seu colapso precipitou uma crise na cultura, cujo completo significado ainda não está provavelmente realizado. Isto nós podemos descrever como o passo de Hegel a Darwin, do **Geist** à **Natur,** do idealismo ao naturalismo".

Depois de considerações sobre o cepticismo da palavra, a visão naturalística e finalmente behaviorista da linguagem, do neonominalismo moderno, Urban termina o Capítulo com as seguintes expressões: "Para os sofistas, não menos do que para Platão e Aristóteles, para Locke não menos do que para Descartes e Leibniz, para o naturalismo evolucionista não menos do que para o idealismo de von Humboldt e Hegel – é esta suposição que cria o problema da linguagem para o filósofo e é, neste ponto, agora como sempre, que surge o problema da filosofia da linguagem". [62]

Na "Filosofia das Formas Simbólicas", E. Cassirer acentua que, "mais agudamente do que qualquer outro pensador antes dele, Hegel declarou que nós devemos pensar do espírito humano como um todo **concreto,** que nós não devemos parar no simples conceito, mas desenvolvê-lo na totalidade de suas manifestações.

E ainda – prossegue – em sua **Fenomenologia do Espírito,** com que ele tentou cumprir essa tarefa, ele apenas pensou preparar o fundamento para a **Lógica.** "Todas as diversas formas do espírito expostas na **Fenomenologia** parecem culminar em um supremo ápice lógico – e é somente neste ponto final que elas atingem a sua perfeita

"verdade" e essência. Ricas e variadas como elas são em conteúdo, sua estrutura é subordinada a uma só lei, em certo sentido, uniforme – a lei do método dialético, que representa o ritmo imutável do movimento autônomo do conceito. De todas as formas culturais somente a da lógica, o conceito, a cognição, parece gozar de uma verdadeira, autêntica **autonomia.** O conceito não é apenas um meio de representar a vida concreta do espírito, é também o elemento verdadeiramente substancial no próprio espírito". E mais adiante considera o autor da **FFS:** "Em verdade, esta redução final de todas as formas culturais a **uma** forma da Lógica parece estar envolvida pelo conceito da própria Filosofia e, particularmente, pelo princípio fundamental do idealismo filosófico. Pois se nós renunciamos a esta unidade, uma estrita compreensão **sistemática** destas formas parecerá ser inatingível. A única contraparte ao método dialético é o puro empirismo".(63) Na mesma obra, Cassirer ocupa-se das relações intelectuais do lingüista Augusto Schleicher com Hegel, frisando que, até certo ponto de sua produção, o primeiro "seguira estritamente o esquema dialético de Hegel, que domina sua visão, tanto da linguagem como um todo, como de suas articulações interiores". Reconhece, todavia, que no autor de "Investigações em Filologia Comparada" essa tentativa de uma classificação dialética é acompanhada por uma tentativa de classificação no espírito das ciências naturais. Do ponto de vista sistemático, Schleicher ressalta expressamente que "a Lingüística mostra uma similaridade inequívoca com as Ciências Naturais".(64)

Charles W. Hendel, examinando Cassirer frente a Hegel, conclui que "existem significativos e esclarecedores pontos de acordo" entre os dois filósofos, pois ambos "estimam a racionalidade, mas também concebem a razão como não inteiramente separada da intuição sensível". Mas, em outro passo do seu estudo, o pensador norte-americano vê a diferença entre as duas filosofias: "Hegel avança do compromisso do espírito com a vida à resolução final da dialética, em que o Espírito tem "absoluto conhecimento de si próprio". Cassirer, porém, sustenta o **twain ever twain,** o espírito e seu "outro", nunca está esquecido de que na constituição do que quer que seja que apareça como "dado", em qualquer estágio, mesmo o mais elevado, existe sempre um fator independente da atividade formativa da consciência".(65)

Por fim, cumpre-nos reavivar aquela afirmação hegeliana de que "a linguagem é a atualidade da cultura", que supomos de relevante interesse no processo teórico da investigação antropológica.

2.12. Wilhelm von Humboldt (1767 – 1835) foi uma das personalidades mais significativas do seu tempo na esfera da filosofia da linguagem. "O mesmo que Herder – expõe Von Aster – dedica Humboldt grande atenção à linguagem, enquanto é expressão vivente e orgânica do espírito dos povos, dentro do qual tem suas raízes e cresce o indivíduo com seu espírito". "Compreender efetivamente a linguagem em seu conteúdo espiritual – conclui o citado historiador da Filosofia – é compreender esse espírito e, conseqüentemente, ao homem e a si mesmo." (66)

Em carta a Wolf, em 1805, explica-se Humboldt: "tudo o que eu faço é estudar a linguagem. Acredito que tenha descoberto a arte de usar a linguagem como um veículo pelo qual explorar as alturas, as profundezas e a diversidade do mundo total". Praticou ele esta arte em um largo número de monografias sobre a linguagem e a história da linguagem, culminando na brilhante introdução a seu trabalho acerca da língua Kavi. (67)

Não é possível obscurecer a importância que as idéias de Humboldt apresentam no curso histórico da Filosofia da linguagem, registrando-se, mesmo, a sua atuação sobre o pensamento de alguns expoentes da Ciência Lingüística.

No valioso ensaio "Guilherme de Humboldt e a Filosofia da Linguagem", o escritor espanhol José Maria Valverde confronta a obra de Humboldt, em seus passos fundamentais, com as de três filósofos modernos: E. Cassirer, B. Croce e K. Vossler, e com a do psicólogo da linguagem K. Bühler, que é então encarado como filósofo, feitas as devidas reservas. Em nossa época já têm sido rastreadas coincidências ou afinidades entre os modos de conceituar a linguagem inerentes a Humboldt e a Noam Chomsky. A propósito escreve o pensador francês Étienne Gilson: "A noção essencial proposta por W. von Humboldt e atualizada por Noam Chomsky é que a linguagem não é um produto **(Erzeugtes)**, mas, antes de tudo, uma produção **Erzeugung)**. Para precisar seu pensamento Humboldt devolve seu posto de honra à noção de forma; entendendo por forma, para cada língua, um fato constante e invariável que subjaz a cada ato lingüístico particular. Não basta conceber a linguagem como o que produz tal ou qual fala particular dada; sua noção completa deve, além disso, dar lugar à possibilidade sempre aberta de produzir uma quantidade ilimitada de falas deste tipo, e isto, em todas as circunstâncias que o pensamento o imponha. A noção de "forma" não designa aqui uma cousa, porém – melhor dito – uma força sempre presente na linguagem. Afeta, pois, ou deve afetar,

a nossa visão sobre a natureza de toda linguagem dada". "A fala não é uma cousa que se acha colocada diante de nós, que se pode abarcar com uma olhada em sua totalidade ou comunicá-la progressivamente em fragmentos; antes necessita concebê-la como um eterno produtor de si mesma (**ein sich ewig erzeugender**), aonde as leis da produção se acham determinadas, enquanto que a extensão e, em certa medida, o modo mesmo da produção, permanecem completamente indeterminados. (68)

Neste sentido, a idéia que deverá permanecer sobre a linguagem – de acordo com Humboldt – é a de que ela é **produção**, ou também que, na linguagem, como insiste vivamente Chomsky, deve reconhecer-se um aspecto inventivo, cabendo-nos chamar a essa idéia "o aspecto criador do uso da linguagem".

Segundo temos observado – e isso já o fizemos em trabalho anterior – as concepções de Humboldt, ainda em nosso tempo, ocupam o interesse de estudiosos dos problemas lingüísticos, mesmo em assuntos que se não ligam diretamente à Filosofia. Destarte, cumpre-nos mencionar aqui os trabalhos **"Humboldt, el Padre de la Etnolingüística"**, da autoria de G. F. Guizzetti, e **Sulla Tipologia Lingüística de Wilhem von Humboldt"**, da lavra de E. Coseriu. O primeiro desses autores, antropólogo e lingüista, mostra-nos como uma disciplina moderna – a Etnolingüística – em que os conhecimentos antropológicos e lingüísticos se interpretam, recebeu nos alicerces influências do pensamento humboldtiano. Quanto a Coseriu, agudo crítico de idéias, esclarece ele, no ensejo aludido, como se acham equivocados os que situam o pensador tedesco, de referência à conceituação tipológica das línguas, na dependência direta de A. W. Schlegel, constituindo, assim, a sua monografia, efetivamente, valioso **"contributo alla crítica de la tradizione lingüística"**. (69)

Embora se diga que o estudo filosófico de linguagem é tão antigo como a própria filosofia, a verdade é que para certos autores a Filosofia da Linguagem como disciplina peculiar só existe desde Wilhem von Humboldt.

B. Croce, no Capítulo XII da 2ª parte da sua "Estética", detém-se na Filosofia da Linguagem, tendo em mira, especialmente, as figuras de Humboldt e Steinthal. Adverte o filósofo italiano, neste passo de sua obra, que Humboldt não soube libertar-se totalmente daquele "prejuízo da identidade substancial e da mera diversidade histórica e acidental entre pensamento histórico e língua", comum e alguns pensadores que especularam sobre a linguagem no primeiro decênio do século XIX. (70)

Observa Croce, todavia, que Humboldt combate contra si próprio, mostrando, junto às velhas escórias, um conceito novo de linguagem. "O homem novo – pondera Croce – critica, em Humboldt, ao velho, dizendo: "Deve-se considerar as línguas, não como produto morto, mas como **produção...** A língua, em sua realidade, é qualquer cousa contínua e transitória em cada momento. Até sua conservação por meio da escrita é sempre uma conservação imperfeita, à guisa de mímica; necessita que se faça sensível nela a fala viva... A língua não é obra, **ergon,** mas atividade, **energeia...** É o trabalho eternamente repetido pelo espírito para capacitar a expressão do pensamento com o som articulado". A língua é o falar. A verdadeira e própria linguagem consiste no ato mesmo de produzí-la mediante o discurso ligado; isto exige pensar como primeiro e autêntico nas investigações que querem penetrar a essência mesma da língua. O desconjuntamento em palavras e regras é o artifício morto da análise científica. A linguagem não é algo forjado pela necessidade da comunicação externa; nasceu, ao contrário, pela necessidade interior de procurar-se uma intuição das cousas (Croce). (71)

O homem novo, que se encontra em Humboldt, leva-o a descobrir um fato desconhecido para os autores de gramáticas lógico-universais: a forma interior da linguagem **(innere Sprachform),** que não é o conceito lógico nem o som físico mas a visão subjetiva que o homem se faz das cousas, o produto da fantasia e do sentimento, a individualização do conceito. Unir a forma interna da linguagem com o som físico é obra de síntese interior. (Humboldt)

As contradições de Humboldt – comenta o autor da "Estética" – em torno ao conceito de linguagem foram desfeitas pelo melhor dos seus partidários: **Steinthal,** em cuja obra a teoria de Humboldt é purificada dos resíduos da Gramática Lógica de Port-Royal. Steinthal torna a invetigar a origem da linguagem, reconhecendo, de acordo com o mestre, que a questão da **origem** é a da **natureza** da linguagem, a de sua gênese psicológica e, melhor ainda, a do posto que adquire no desenvolvimento do espírito. (72)

Voltando a Humboldt, não esqueceremos de trazer à baila ainda algumas proposições contidas no valioso ensaio de José Maria Valverde. Referindo-se a uma segunda fase na vida mental de Humboldt, expressa-se o escritor ibérico: "Seu caminho intelectual, sua condição possivelmente filosófica altera-se porque, para ela, a linguagem não é qualquer cousa com que se encontra a filosofia, mas que está em sua própria base; porém, ainda, o filosofar ocorre mediante a linguagem e,

portanto, ainda que seu orbe de objetos reais e de fatos espirituais continua sendo o mesmo e conservando o mesmo sentido, sua filosofia como atividade mudou de signo ou, melhor, foi absorvida pela linguagem, que não é para Humboldt a língua, nem a terminologia, nem as expressões concretas formuladas, porém alguma cousa mais geral e anterior, **o próprio modo de operação da mente"** (O grifo é nosso). (73)

Finalizamos uma resenha da obra de Valverde, divulgada há alguns anos, com as seguintes expressões: "Se Cassirer – como refere o autor espanhol – fez excelente uso da herança do pensador germânico, impulsionando a tarefa de esclarecer a medida e o modo em que a linguagem é a forma do pensamento humano, não menos apreciável nos parece a continuidade do "espírito" humboldtiano, vislumbrada nas expressivas objeções, efetuadas por Vossler, às atuais concepções logicistas da linguagem. Em outro passo do nosso trabalho aventuramonos a concluir: "Sendo assim, delineia (Cassirer) o significado da posição de Humboldt no processo histórico das idéias lingüísticas, a apontar uma vida de acesso às correntes que lhe sobrevierem". (74)

2.13. Herman **Lotze** (1817 – 1881) teve como produções capitais **Microcos** e **Metafísica.** Mas é na **Logik** (1880) que Cassirer vai buscar os elementos de interesse ao estudo filosófico de linguagem. Em certo passo da **FFS** escreve o seu autor: "a original e decisiva realização do conceito não é comparar representações e agrupá-las segundo os gêneros e espécies, porém, antes, formar impressões dentro das representações. Entre os lógicos modernos Lotze expressou esta relação mais claramente, não obstante, em sua interpretação, não haja ele libertado inteiramente a si próprio dos grilhões da tradição lógica. Esta teoria do conceito começa da idéia de que as operações mais básicas do pensamento não podem consistir na combinação de duas representações dadas, mas, que nós devemos dar um novo passo para trás. A fim de que representações possam ser combinadas dentro da forma do **pensamento,** elas próprias devem sofrer um processo de formação que as transforma em elementos lógicos. Nós tendemos a não fazer caso desta primeira operação do pensamento, porque ela já fora executada na formação de nossa linguagem tradicional e, consequentemente, parece ser uma premissa evidente por si mesma, logo constituindo a realização do próprio pensamento de alguém. Em verdade, porém – afirma

Lotze – a criação de palavras, se nós desprezamos as meras interjeições informes e as expressões de excitação, implica a forma fundamental do pensamento, a forma da **objetivação.** A linguagem não pode, contudo, aspirar a instituir conexão do múltiplo, que cai sob uma regra universal, mas deve primeiro executar a tarefa preliminar de dar a cada impressão particular um significado intrínseco. "Esse tipo de objetivação até agora nada tem a ver com a atribuição de uma realidade por completo independente ao conteúdo – está relacionado somente com a fixação do conteúdo **para** o conhecimento e caracterizá-lo para a consciência como qualquer cousa idêntica consigo mesma, repetida em meio ao fluxo das impressões". "O **primeiro universal** é, contudo – como Lotze enfatizou – essencialmente diverso dos conceitos genéricos, correntes, da Lógica". (Cassirer) [75] A teoria do **primeiro universal,** de Lotze, é trazida aqui à baila porque, compreendida e interpretada com correção, pode fornecer a chave para uma compreensão do feitio original da formação do conceito lingüístico (Cassirer). Como as suas observações mostram claramente, a tradição lógica encontra-se a si própria em um estranho dilema com referência a esta questão. Os lógicos tradicionais estão convencidos de que o conceito deve ser orientado puramente no sentido da universalidade e que a sua realização final deve ser prover representações universais; mas então revela que este esforço essencialmente uniforme para a universalidade não pode, em toda parte, ser cumprida no mesmo rumo.

Lotze – aduz Cassirer – não deu este passo; em lugar de inferir uma aguda distinção fundamental entre definição por estipulação, em que o conceito faz a invocação, e o postulado à universalidade, ele transformou as definições primárias, a que retrocede o conceito, em universais primários, de maneira que, em lugar das duas obras características do conceito, existem somente duas formas do universal, um "primeiro" e um "segundo" universal. Interpreta ainda o filósofo das "formas simbólicas": "Pela relação de subsunção, que a Lógica tradicional encara como relação constitutiva através de que o universal é vinculado ao particular, o gênero às espécies e aos indivíduos, não é aplicável ao conceito que Lotze designa como o **"primeiro universal".** Ainda se estende sobre o seu compatriota no Capítulo da FFS, intitulado "A linguagem como Expressão do Pensamento Conceitual. Conceito e Formação de Classe na Linguagem. [76]

B. Croce dedica alguns trechos de sua obra principal ao pensamento de Lotze, mas, de regra, debate problemas na ordem estética e nada, diretamente, sobre temas filosóficos da linguagem.

Recorremos a Brugger (**Dicionário**) para esboçar o posicionamento filosófico de H. Lotze: "discípulo de Weisse; síntese do universo que inclui o mundo espiritual – histórico; teismo; adesão à monadologia de Leibniz; o mundo material, manifestação das mônadas psíquicas; distinção entre o ente e o válido (verdade e valor)". [77]

2.14. Edmundo **Husserl** (1859 – 1938) é, sem dúvida alguma, um dos filósofos que exerceram a mais profunda influência sobre o pensamento de sua época. E, certamente, concepções do seu genial espírito ainda despertam sólido interesse nos círculos culturais. Quanto a seu sistema – expõe I. M. Bochenski – "depende em parte de Brentano e de Stumpf, assim como, através do primeiro, da Escolástica; porém ainda se percebe nele certa influência neokantiana". [78]

Muito ter-se-ia que escrever acerca de Husserl não fosse a preocupação maior deste trabalho volvida para a especulação sobre temas atinentes à Filosofia da Linguagem. Fora da órbita do nosso interesse atual ficarão, portanto, assuntos e conceitos tão importantes da sua obra como o **método,** a **redução,** a **intencionalidade** fenomenológicas. Será, decerto, em suas **Investigações Lógicas,** que iremos deparar com os elementos conceituais mais apropriados aos objetivos centrais de nossa apreciação do seu filosofar sobre a linguagem. Esta penetrante análise – ainda como o citado historiador da Filosofia – representa um sério golpe para o positivismo e nominalismo do século XIX. [79]

Em sua **Investigação Primeira,** em que se ocupa da **expressão** e da **significação,** apresenta **distinções essenciais,** a partir do duplo sentido do termo **signo.** É assim que considera: "Ainda que não poucas vezes **expressão** e **signo** são empregados como sinônimos, nem sempre coincidem. Todo signo é signo de alguma cousa, porém, nem todo signo te uma **significação,** um sentido que está "expresso" pelo signo. Signos não são mais do que **indicações,** têm a função indicativa de **sinal,** salvo quando, além disso, cumprem uma função significativa. Em troca disso, a **expressão** significa, expressa a significação, ainda que também, é, em maior ou menor grau, um **sinal.** Parece, pois, que o conceito de signo como sinal é de mais ampla extensão que o de expressão, porém, nem por isso constitui o gênero deste,

posto que um e outro se podem apresentar separados, como se vê em que as expressões desenvolvem também sua função significativa na **vida solitária da alma** e então já não funcionam como **sinais.** Logo adiante, numa segunda seção, intitulada "A essência do sinal" refere que são exemplos do signo como **sinal** o estigma ou signo do escravo, a bandeira ou signo da nação, as "notas" ou propriedades características "que dão a conhecer os objetos em que se encontram". Prossegue o criador do método fenomenológico: "Também dizem que os canais de Marte são signos da existência de habitantes inteligentes e que os fósseis o são da existência de animais antediluvianos; também são signos o nó no lenço, os monumentos e outros que criamos arbitrariamente para que funcionem como indicações".(80) Encarando o conceito comum a todos estes signos particulares, observa ele que é signo indicativo aquele que serve de sinal de alguma cousa para um ser pensante. Trata depois das expressões como signos significativos: "todo **discurso** ou parte de discurso – falado, com propósito comunicativo ou não – é uma expressão". Exclui dessa concepção os gestos e ademanes, acompanhantes involuntários, portanto, sem intenção comunicativa – e ainda aqueles que, sem discurso concomitante, expressam e fazem compreender o estado anímico de uma pessoa, pois, falta ao sujeito o desígnio comunicativo de apresentar uns 'pensamentos' e, em conseqüência, carecem propriamente de significação.(81)

Em outro parágrafo – "As expressões em função comunicativa" – observa, logo de início, que a primeira função da expressão é a comunicativa. Acentua então que, primeiramente, as expressões atuam como **sinais** dos pensamentos daquele que fala, das vivências psíquicas que dão sentido. Chama a esta função das expressões de **notificativa,** considerando o conteúdo da notificação como as vivências psíquicas notificadas ou exprimidas". Em sentido estrito o notificado são **os atos de dar sentido; lato sensu,** todos os que o ouvinte pode supor no que o fala".(82) Neste primeiro capítulo das "Investigações Lógicas", Husserl faz ainda uma digressão sobre a gênese do signo por associação, traça as distinções fenomenológicas e intencionais que pertencem às expressões como tais, enfoca as expressões na "vida solitária da alma", onde elas "carecem de função comunicativa sem perder por isso a significação que tinham no discurso comunicativo". Estabelece distinções fenomenológicas entre o fenômeno físico expressivo, o ato de dar sentido e o ato de cumprir o sentido, concluindo pela unidade fenomenológica desses atos. Há outras seções de interesse à Filosofia da Linguagem neste Capítulo I. Contudo, nos deteremos apenas na-

quela em que o filósofo trata de "significação e conotação". Começa esse trecho reportando-se a Stuart Mill, para quem a essência da significação dos nomes está na **conotação;** esclarece no ensejo que o pensador inglês chama **conotativos** aos nomes que designam um sujeito e contêm um atributo seu, e **não conotativos** aos que designam um sujeito sem acrescentar um atributo que lhe convenha, como os nomes próprios e também os nomes de atributos, por exemplo, "branco". (83)

Husserl discorda de Mill, afirmando que ele, nesse ponto, confunde coisas distintas. A seguir mencionamos algumas de suas proposições a respeito. "Embora não se deixe de reconhecer a função notificativa do nome ela não é a única, tendo-a também o nome na esfera significativa e como auxiliar desta". "O nome não dirige nosso interesse para a representação, mas para o **objeto representado como sendo o mentado,** portanto o **nomeado,** e o coloca diante de nós. De outro modo, o nome próprio não poderia ser elemento de expressões mais complexas, como proposições, enunciados, etc. Mas, com referência ao **objeto,** o nome não é signo algum desde o momento em que é essencial ao signo que o objeto exista, enquanto que o objeto nomeado não necessita valer como existente". Argumenta ainda: "Certo que existe diferença entre os nomes que nos proporcionam conhecimento do objeto e os que não; e uma diferença equivalente entre os nomes conotativos e não-conotativos que, em realidade, é a mesma que entre os que nomeiam diretamente sua cousa (não atributivas) e os que a nomeiam por meio de um atributo seu (atributivos). Todavia, essa diferença se produz já dentro da espécie "expressão", como variedades suas, assim como a diferença entre significação atributiva e a não-atributiva se produz já dentro da espécie "significação". Tampouco é igual – ainda que afim – a diferença entre o que um homem **assinala** e o que **conota** com a diferença entre o que **nomeia** e o que **significa".** Conclui esse trecho da sua autoria declarando que essas distinções não são puramente gramaticais, mas que, com sua ausência, não seria possível elaborar, com veracidade, os conceitos de representação e juízo em sentido lógico. (84)

Depois de uma calorosa apreciação à crítica demolidora, empreendida por Husserl, contra o nominalismo que, sob os nomes de empirismo, psicologismo, etc., influencia muitos espíritos desde Locke e Hume, I. M. Bochenski ocupa-se do filósofo germânico, no tocante à **Teoria da Significação.** (85) Citamos alguns fragmentos dessa síntese definidora: "Ao compreender um nome ou uma proposição, o que diz uma expressão ou outra não é, precisamente, o que poderia valer

como parte do ato intelectual correspondente. Trata-se, mais acentuadamente, da significação". "Poderíamos destacar no termo 'expressão', pelo menos, três funções diferentes: 1) o que a expressão 'manifesta' (a saber, vivências psíquicas), 2) o que "significa". (Este último se divide em: a) sentido, o conteúdo da representação, b) aquilo que a expressão **menta**". Em conexão com estas distinções, aponta também Husserl três elementos no ato: 1) a **qualidade** do ato (o representar, afirmar, duvidar, querer, etc.); 2) a **matéria** do ato (a própria matéria, isto é, o conteúdo, pode estar revestida de qualidades diversas; por exemplo, podemos representar-nos o conteúdo de um juízo, depois podemos duvidar dele, logo afirmar, etc.); 3) temos, todavia, o objeto do ato, que é aquilo que a expressão "menta", enquanto que o conteúdo é o sentido da expressão". Os atos que emprestam a significação contêm unicamente o essencial da expressão, porém, não fornecem a plenitude intuitiva da **intentio** significadora". Por último lembra Bochenski que à teoria da significação se enlaça uma **gramática pura** ou teoria filosófica da gramática, campo este para que ele "carreou grandes riquezas que, na atualidade, se estão fazendo valer graças à lógica matemática". Acentua ainda o citado historiador da Filosofia que "outro aspecto interessante e importante das investigações lógicas é a teoria do todo e das partes", que vamos encontrar como objeto da Investigação Terceira das "Investigações Lógicas". (86)

H. J. Pos, pensador holandês, aplica à linguagem aquela idéia husserliana de uma noção antepredicativa, pré-reflexiva. Como diz ele – "o fenomenológico quer que se conheça a imagem direta e vivida da própria experiência, imagem que é anterior à construção e à teoria"; e Husserl abriu os olhos dos filósofos e dos sábios sobre a realidade deste conhecimento originário, que não somente precede à teoria, mas que é o seu fundamento". (87)

Merece, sem dúvida, a consideração dos estudiosos o trabalho **Fenomenologia e Lingüística,** da autoria de Hendrik Josephus Pos.

(Continua)